A Contribuição de Baudelaire para o Ensino de Sociologia no Ensino Médio

Maria do Carmo dos Santos[1]
Rafael Ademir Oliveira de Andrade[2]

Resumo

O poeta francês Charles Baudelaire é tido como o último romântico e o primeiro moderno. Em muitas de suas obras – entre elas a prosa poética do *Esplim de Paris* e o verso das cenas parisienses das *Flores do Mal* – ele relata as cenas desta nova vida na cidade moderna e suas peculiaridades. A partir desta perspectiva, apresentaremos uma possibilidade do uso da poesia do Baudelaire como recurso didático para o ensino de sociologia em torno de temas presentes em sua obra. Destacamos a cidade e as multidões como exemplos para a aplicação deste trabalho.

Palavras – Chave: Baudelaire – Ensino Médio – Sociologia – Modernidade.

Abstract

Charles Baudelaire is regarded as the last romantic and the first modern poet. In many of his works – among them the poetic prose of "*Esplim of Paris*" and the verse of Parisian scenes of "*Flowers of Evil*" – he describes the scene of this new modern life and its peculiarities. From this perspective, we introduce a possibility of use of the poetry of

[1] Psicóloga, Mestre em História e Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Rondônia. Professora do Departamento de Educação e do Mestrado em Educação da UNIR. Contato em profpaz@hotmail.com.

[2] Graduado em Ciências Sociais e Mestrando em Educação na Universidade Federal de Rondônia. Professor da disciplina de Sociologia e Sociologia da Educação na rede privada de Ensino Superior em Porto Velho, Rondônia. Contato em rafael_ademir@hotmail.com

Baudelaire as a teaching resource for the teaching of sociology around themes in his work. We highlight the city and the crowds as examples for the application of this work.

Key-Words: Baudelaire – High School – Sociology – Modernity.

Introdução

O poeta francês Charles Baudelaire é tido como o primeiro moderno e o último romântico. Segundo Marshall Berman (1986, p. 130), Baudelaire poderia ser apontado como o primeiro modernista, por este motivo, podemos citar como exemplo a escolha de Oswald de Andrade em citar Baudelaire nas primeiras páginas de "Alma" [3], primeiro romance urbano brasileiro do nosso modernista, que bebeu incessantemente das fontes francesas. Pode-se apontar as principais influências de Baudelaire no simbolismo, parnasianismo e modernismo brasileiros.

É creditada também a Baudelaire os primeiros desenhos das cidades modernas, principalmente em sua obra mais comentada "*As flores do mal*", tendo em suas obras "*A uma passante*" e "*Abel e Caim*", destacadas por diversos autores – entre eles os grandes pensadores Pierre Bourdieu, Marshall Bermann e Walter Benjamim – a construção apaixonada das cidades modernas e todo seu espírito de desfragmentação, liquidez e a perda de conexões entre os homens e com o passado.

[3] *Alma*, primeiro romance da trilogia "Os Condenados" que consistia em além deste romance citado, dos romances *A Estrela de Absinto* e *Escada*, do modernista brasileiro Oswald de Andrade. A estética fotográfica deste nosso autor brasileiro poderia representar uma contradição para com a escolha de Baudelaire em relação á fotografia enquanto retrato da verdade e não dos sonhos, da poesia. Para citar como exemplo, nas primeiras páginas do romance, Oswald apresenta a personagem João do Carmo, migrante nordestino, telégrafo, nadador, apaixonado por alma (João é o herói do romance) e fã de Baudelaire, que em sua raiva recita versos do poeta maldito.

Neste trabalho, pretendemos apresentar a imagem da cidade desenhada pelo poeta e analisada sobre a perspectiva do ensino de sociologia no ensino médio, associando a imagem 'baudelairiana' aos conceitos e temas abordados no ensino desta disciplina - sendo a cidade e suas relações um ponto central de análise da sociologia neste âmbito -. Reforça-se no decorrer do texto o discurso do uso da literatura como referencial ao teórico – ou tema – para o ensino de sociologia.

Apresentando Baudelaire: conexões.

Como primeiro ímpeto, afirmamos que estes autores buscaram interpretar esta nova percepção de mundo, da modernidade (mãe e filha da sociologia) a partir da lógica fundamentada pelas criações literárias, cada um abordando sua perspectiva teórica e seu método de forma diferenciada, tendo o foco e o tema parecidos.

Nesta parte do artigo, apresentaremos em resumo o que cada um destes teóricos afirmou enquanto modernidade e a relação entre literatura e sociedade para situar o leitor nesta interpretação. Não esquecendo que o foco central deste artigo é o uso das imagens construídas por Baudelaire em sala de aula, no ensino de sociologia.

Charles Baudelaire nasceu em 09 de Abril de 1821[4]. Sobre o poeta, podemos afirmar duas coisas: primeiro, que o poeta possuía um gênio violento, um vigor criativo gigantesco, ignorando a história e as ciências, visava criar por inspiração. E, realizando uma análise de sua origem social, pode-se afirmar que Baudelaire possui uma imagem social confusa, e usando da sociologia, graças a sua posição social, tendendo a posicionamentos para a esquerda, para o conservadorismo, tanto quanto para a "passividade política" em suas obras e ações.

Para melhor entendimento, é preciso apresentar uma pequena biografia do autor, apresentando suas relações sociais. Partimos do pressuposto que a leitura da trajetória social

[4] Todos os dados sobre a trajetória social de Baudelaire foram retirados da biografia de Jean-Baptiste Baronian, devidamente citado nas referências deste trabalho.

de um pensador social ou literato é ponto de partida ideal, no ponto de vista de construção do saber, para o reconhecimento de suas ações enquanto autores, partindo da premissa que somos seres sociais e que nossos textos são extensões de nossas existências políticas.

Posso adiantar que Charles Baudelaire viveu sobre a mesma espada de Honoré de Balzac. Os dois escritores viveram sobre o jugo das dívidas, tentando provar para amigos e familiares que conseguiriam viver das letras e que se tornariam grandes escritores dentro do campo literário francês. Foi esta necessidade que levou ambos a escrever para saldarem sua divida, para agradar os outros literatos e grupos de literatura e arte, sem, como afirmam seus biografistas, "se vender" para estes grupos e mídias.

Quando com seis anos, o pai de Baudelaire falece e apesar da dor, imagina que ao lado de sua mãe tudo ficará bem, agora pensa "tudo será só para ele, para os dois". Nem tudo ocorreu como o poeta gostaria e menos de dois anos após a morte do pai, sua mãe se casa com Jacques Aupick, um promissor militar de trinta e nove anos. No começo, Baudelaire o suporta. Mas o espírito opressor e militar de seu padrasto faz com que com o tempo, o poeta passe a odiá-lo. Seria de se esperar que sua jovem mãe se casasse novamente, mas o espírito inquieto e livre de Baudelaire não se deu bem com a rigidez de seu padrasto.

Na escola, Baudelaire é considerado sem energia e indisciplinado pelos seus professores. Ele conclui os estudos de forma "adequada, sem destaque", apenas para agradar sua família. Com 17 anos, Baudelaire tem toda a vida pela frente e se questiona: O que fazer dela? Sua verve artística o leva a entrar em contato com artistas e intelectuais franceses entre eles Pétrus Borel e Nerval. Acontece também uma tentativa infecunda de se aproximar do poeta Victor Hugo que o consideram simpático e com desenvoltura nas letras. Nestes círculos, Baudelaire se torna boêmio e rebelde para com a família.

Por recomendação do padrasto, ele faz uma viagem de mar para "se tornar disciplinado", após alguns meses, volta à cena de Paris. O meio literário está em efervescência (1842) e Baudelaire se aproxima dos expoentes artísticos da cidade de Paris, nesta época conhece alguns membros do seu futuro grupo literário e Jeanne Durval, uma amante que fará parte de sua vida até os últimos momentos. Ele a chama de "a serpente que dança".

É de se esperar que o jovem poeta gaste sua herança de forma desregrada e em menos de dois anos, ele gasta quase metade do montante. Como ele o fez? Comprando peças de arte por preços absurdos (sendo enganado às vezes), amantes, vinhos, uma moradia luxuosa e sustentando Jeanne Durval, que foi retirada da prostituição e do teatro para morar em um lugar alugado e mobiliado por Baudelaire.

A mãe de Baudelaire instaura um processo de curadoria dos bens do filho e em 1844, Ancelle se torna o curador dos bens de Charles, o que não o agrada. Estes fatos tornam-se importante para a leitura de Baudelaire ao ponto que estabelecem sua relação com o dinheiro, com as transações comerciais, neste momento o poeta contrai dívidas que nunca pagará e que mudarão sua forma de ver o capital e a burguesia.

Endividado e preso aos agrados de Jeanne, o poeta continua sua empreitada de se tornar um reconhecido (e porque não, bem remunerado) artista parisiense. Participa de um clube do Haxixe, onde tem as primeiras experiências com este psicoativo. Publica o poema "*A uma dama crioula*" no *L'Artiste,* em 1834, sua primeira publicação. Com 24 anos, Baudelaire ainda não publicara nenhum livro e tenta se aproximar, por pura estratégia, dos grandes nomes de literatura francesa. Ao passo que suas dívidas o impulsionam a ter capital para pagá-las, o poeta se aproxima do campo literário Francês e de seus grandes nomes.

Escreve e publica "*O salão de 1845*" e "O salão de 1846", obras de descrição e crítica artística. O primeiro foi considerado enfadonho, mas graças ao salão de 1846, ele entra para a Sociedade dos Gênios das Letras e é bem recebido na redação de vários jornais e revistas. Um sucesso, afinal. Logo após o sucesso do Salão de 1846, publica sua novela A Fanfarlo e conhece quem seria seu artista mais exaltado pelo resto de sua vida, Edgar Allan Poe, a partir da leitura do conto O Gato Preto. Baudelaire dedicará sua vida a traduzir e analisar a vida e as obras de Poe.

A revolução de fevereiro de 1848 foi apoiada por artistas e boêmios franceses, entre eles, Baudelaire. Alguns intelectuais franceses estavam envolvidos no conflito por uma sociedade mais justa e harmoniosa. A revolução consistia em uma crítica (e ação contra) a burguesia que "usurpou em seu benefício os direitos adquiridos em 1789", sendo a igualdade

civil uma ilusão e a realidade social é existência da exploração do trabalhador. Baudelaire sempre se mostrou neutro politicamente, mas se envolveu neste levante. No fim, desejava matar o general Aupick (padrasto). Charles gostava de estar na ebulição do momento, por isso é inconstante.

Após a revolução, jornais eclodem por toda Paris. Baudelaire e seus companheiros fundam o "*Le Salut Public*" que não tem muitas edições. O poeta passa a trabalhar em jornais, principalmente no "*La Tribune Nationale*", como secretário de redação. Continua suas traduções de Poe, trabalhando no conto "*Revelação magnética*". Nesta época escreve para três jornais diferentes apresentando três perspectivas que não parecem pertencer ao mesmo homem, Baudelaire é pura contradição.

Aos trinta anos Baudelaire trabalha, primeiramente por fama e depois por dinheiro. Baudelaire é fissurado nas obras de Poe. Ele analisa os estudos sobre a vida do contista e afirma que sua grande obra teve pouca repercussão em sua terra natal. Ele se apaixona pelas obras e busca entender a natureza do gênio que as concebeu. Para Charles Baudelaire, a obra de Poe suprimiu os acessórios para ter o essencial, o assunto aparece nu para o leitor, sem rodeios. Um estudo sobre Poe: "*Edgar Allan Poe, sua vida e suas obras*" é publicado nos números de março a abril de 1852 no *Revue de Paris*.

Agora, ele não pode se queixar de pouco dinheiro, graças às traduções de Poe, ele passa ser colaborador de uma redação de artistas talentosos. Ele publica a tradução "*Histórias Extraordinárias*" e não consegue publicar "*Novas Histórias Extraordinárias*" graças a problemas pessoais – que sempre atrapalharam sua produção intelectual.

Em 1855, são publicados na *Revue dês deux mondes*, 18 poemas sobre o nome de "*Flores do mal*". Em suma, enquanto Poe é um sucesso, as flores do mal não. Enquanto Edgar é um sucesso, Charles experimenta sucesso, mas não chega nunca, aonde quer.

O livro "*As Flores do mal*" é lançado, sendo caracterizado por uma autentica e pesadas confissão, autobiográfico e violento. Os jornais começam a acusar a imoralidade dos poemas e dias depois o Ministério Público manda apreender o livro e instaura ação judicial contra o

Revista Eletrônica Igarapé- Nº 03, Maio de 2014- ISSN 2238-7587
http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape

autor e seus editores. Baudelaire contrata um advogado e pensa em escritores renomados que poderiam interceder ao seu favor e muitos o fazem, inclusive Victor Hugo.

Sobre este processo, ele espera que a acusação seja considerada improcedente. Pinard, o substituto do procurador imperial, o acusador, apenas considera que Baudelaire errou ao "escrever poemas licenciosos e contrários aos bons costumes", enquanto que a defesa do poeta se baseia em autores antes de Baudelaire que seguiram a mesma "linha" dele e não foram condenados. Por fim, a corte determina ordena que seis poemas de "*As Flores do Mal*" sejam suprimidos e que Baudelaire pague uma grande multa.

A partir de 1857, ele consegue algum dinheiro pelas traduções de Poe e uma redução da multa pelas "*As Flores do Mal*", mas ainda possui muitas dívidas. Mora um tempo com Jeanne, mas esta vida é dolorosa demais: os dois são doentes e brigam constantemente. Por fim, viaja para passar alguns dias na casa do amigo e editor Poulet-Malassis. Após muitos anos, ele retorna a casa da mãe em Hornfleur e em janeiro de1859, Baudelaire está satisfeito.

Na casa da mãe, Baudelaire produz bastante. Escreve o "*O salão de 1859*" – que segue a mesma linha dos outros dois salões – é lançado, com o prefácio de Victor Hugo, grande ídolo de Baudelaire. Em 1860, Baudelaire se aproxima de Richard Wagner, o compositor alemão. Em 1861 é lançada a segunda edição de *As Flores do Mal*, que reúne 129 poemas e conta com uma sessão chamada "Quadros Parisienses" onde Baudelaire pinta em versos - por puro fascínio - sua cidade natal, Paris. E este júbilo pelo lançamento do livro é apenas passageiro, as crises nervosas se agravam, ele ainda está endividado, pensa constantemente em suicídio e Jeanne é abandonada no hospital pelo irmão.

Aos quarenta anos, Baudelaire se alegra por possuir uma situação literária "não ruim" com traduções, versos e crítica de arte circulando em diversos periódicos. Cogita apresentar sua candidatura à Academia Francesa e o faz, mas graças aos artigos violentos publicados contra esta intenção e por conselhos de amigos, retira a candidatura e considera este fato "uma miséria, uma desonra". Descobre que Jeanne nunca teve um irmão, que o individuo era um amante seu e que ambos o enganaram.

Em 1862: Jeanne que não o quer, que mente e o engana, a saúde alarmante, as dívidas que não consegue pagar, a mãe que guarda o dinheiro que ele possui, seu principal editor está falido, seus projetos com o novo editor (Hertzel) que nunca dão certo.

Enraivecido com sua situação, ele passa a ofender alguns artistas de Paris – entre eles Victor Hugo – e parte para a Bélgica, onde faz uma série de conferências sobre arte. Passa a viver então das traduções de Edgar Allan Poe que são publicadas por Michel Lévy. Em 1863, o ensaio "*O Pintor da Vida Moderna*" é publicado no *Le Fígaro* e é um tratado de estética sobre a modernidade que busca "extrair o moderno do eterno do transitório" (...) "a beleza passageira e fugaz da vida presente". Em 1864 é publicado no *Le Fígaro* o *Esplim de Paris*, livro de prosa poética sobre a vida parisiense e outras impressões do autor.

Em Bruxelas, Bélgica. Pela primeira vez no exterior (fora de Paris), Baudelaire se encanta pela capital belga, por suas construções antigas e sua história. Das conferências que oferece apenas a primeira se constitui num grande sucesso, ele recebe apenas um modesto cachê e se oferece para ministrar outras três palestras gratuitamente. A partir de então, a Bélgica lhe parece odiosa e ele passa a atacar tudo que é belga, perdoando poucos artistas.

Ainda na Bélgica, ele pede dinheiro ao seu curador, Ancelle, que o envia uma quantia modesta. Em 1865, Mallarmé e Verlaine tem Baudelaire como mestre e se inspiram em seus escritos. Em uma visita a igreja de Saint-Loup, o poeta sente por vertigens e não consegue mover os membros. Desde então ele sofre uma paralisia, decorrente da sífilis. Baudelaire fica acamado e a mãe e os amigos ficam ao seu lado quase que o tempo todo.

Ele vai para a casa da mãe em 1865. O ministro da Instrução Pública lhe concede uma pensão – a pedido de amigos escritores – para custear as despesas médicas. Neste momento, Baudelaire está preso à cama e nada mais pode ser feito por ele. O poeta maldito passa a responder com duas ou três palavras apenas, com a voz trêmula e com movimentos imperceptíveis das pálpebras e dos olhos.

Sua mãe não larga sua mão, cerca o filho de cuidados. No dia 30 de agosto de 1867, ela chama um padre para administrar a extrema unção a seu filho. Na manhã seguinte, por volta de onze horas, Baudelaire morre nos braços da mãe, que fecha seus olhos. Sua mãe não

Revista Eletrônica Igarapé- Nº 03, Maio de 2014- ISSN 2238-7587
http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape

sabe, mas naquele momento morria em seus braços um dos maiores expoentes da literatura mundial.

Visando compreender o moderno e contraditório Charles Baudelaire, utilizaremos da noção de Berman de modernidade e modernismo.

Berman inicia seu livro "*Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade***"** citando Marx ao afirmar que "Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, tudo o que é solido desmancha no ar" (1986, p.15). A pretensão deste livro é mapear as tradições que a modernidade 'criou' para ressaltar o conceito do que é modernidade, modernização e outros conceitos que cercam estes. O autor se espelha na relação entre modernização e modernismo.

O conceito de modernização, compreendemos como o processo de transformação e expansão do capitalismo, manipulando pessoas, instituições e mercados e a forma que se dão estas transformações sociais em constante "vir a ser" e o modernismo seria a representação estética (artística) destas relações em constantes mudanças e expansão. Tão grandes são as mudanças, que para Berman "encontramo-nos hoje em meio a uma era moderna que perdeu o contato com as raízes de sua própria modernidade" (1986, p. 17).

A modernidade se comporta enquanto um cárcere, uma vida em barras de ferro, onde os homens estão perdidos na multidão, sem espírito, coração, sem identidade, no mundo moderno, os homens e mulheres não passam de reproduções mecânicas, o povo se auto realiza no conforto do possuir e consumir (1986, p. 28).

Berman afirma que uma das maiores preocupações da arte moderna é para com a modernidade, se recusando a caminhar pela história ou vida social (como fará Baudelaire a seguir neste trabalho). Os artistas modernos são os inventores e narradores das tradições modernas e entender a modernidade a partir de sua representação (modernismo) é uma forma de tentar capturar o espírito em fragmentação - em um dado momento- da modernidade.

É possível, se fazer –e ensinar- sociologia a partir desta percepção. O artista moderno é um ser fragmentado, relatando sua forma de estar em sociedade e por isso cria sua própria modernidade. Ao lermos a biografia e as obras de Baudelaire, não é possível dizer que este

homem não foi o primeiro moderno, nada é mais fragmentado e violento que ele. Violento no sentido de criar uma nova tradição moderna a partir do rompimento com o passado.

Nesta fragmentação, o artista e o cientista social têm como objetivo a busca – ou a criação- dos sentidos da modernidade. A partir desta pontuação, podemos interpretar a sociedade moderna a partir de dois aspectos (BERMAN**,** 1986, p. 129): o modernismo, enquanto "puro espírito", arte e intelecto autônomos e a modernização, um complexo de estruturas e processos materiais, políticos e econômicos. A modernidade é a conjunção entre destes dois aspectos: modernismo e modernização, ou como diria Berman: "um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o individuo e o ambiente moderno" (1986, p. 129).

É este sentido que interpretamos Baudelaire: enquanto artista da modernidade ele representou o indivíduo, os tipos, os homens e mulheres da Paris moderna, mas interpretou também seu ambiente em construção. É esta interpretação que será apontada no decorrer do trabalho enquanto recurso para o ensino de sociologia.

O Esplim de Paris e Cidade: Modernidade, Tipos, Ruas e Vielas.

A prosa poética de Charles Baudelaire no *Esplim de Paris* nos apresenta de forma sucinta o que o autor observa enquanto modernidade e cidade. Neste momento do trabalho, pretende-se destacar alguns pontos a serem analisados. Estes pontos são apenas exemplos ou caminhos à serem trilhados por uma prática mais extensa e uma pesquisa refinada, vindo a ser realizada em um momento posterior.

Afirmamos inicialmente que na sociedade moderna, as pessoas estão fragmentadas, incompletas, desestruturadas e vêem no "possuir" uma maneira de suprir esta carência (MEDEIROS, 2009, p. 71) o capital e suas relações de trabalho e com a mercadoria, gera uma sociedade nada inclinada à cooperação.

Baudelaire foi um ator social indignado e alheio aos valores burgueses -apesar de vir de uma família abastarda e ter recebido uma rica herança do seu pai – pois geralmente as riquezas da burguesia eram conseguidas a partir do esforço de outros. Tendo nascido numa

família de contatos e riquezas, Baudelaire poderia ter seguido qualquer carreira de sucesso, mas decidiu ser escritor, gerando assim um ator social que representa em suas obras esta tomada de decisão: de não aceitação da burguesia.

Berman (1986, p. 132) afirma que uma visão pastoral da modernidade advinda de Baudelaire é estranhamente a favor da burguesia, destacando suas qualidades enquanto classe que se estabelece no topo de satisfação das necessidades materiais, se tornaria uma classe social capaz de fazer e patrocinar arte, "uma vez que eles são impelidos pelo desejo de progresso na indústria e na política, estaria aquém de sua dignidade parar e aceitar a estagnação da arte" (p. 132). Os valores burgueses afirmados pelo poeta afirmam que esta classe revolucionária e dinâmica não deixaria a arte chegar à estagnação.

Os discursos contraditórios presentes na obra e vida de Baudelaire são afirmados pelo próprio Berman: Baudelaire é um poeta contraditório, hora elogiando a modernidade, hora apontando o seu vazio, o chamado desespero cultural do homem moderno. Na apresentação de *O Esplim de Paris*, afirma que a obra consiste numa forma de aplicar uma descrição da vida moderna o método que ele dedicara à pintura da vida antiga, das grandes cidades nasce desta vontade de uma prosa adaptável.

A prosa poética se inicia com o texto "*O Estrangeiro*" o homem que não possui família, amigos, pátria, que possui certo desdém para com o ouro – mais uma vez, Baudelaire é contra o capital – e que ama as nuvens. O estrangeiro é o homem moderno, desfragmentado, que ama a beleza e as nuvens como elementos abstratos, mas suas relações sociais são medidas pelas relações sociais – o capital é deus.

A imagem retirada da prosa "*Um Brincalhão*" é que morar na cidade é ser um homem sozinho em meio à multidão. Morar na cidade em meio às milhares de carruagens e explosões que se seguem no ano novo é "feito para turvar a mente do solitário mais forte" (BAUDELAIRE, 2010, p. 24), no fim, o homem que andava em meio a esta turba cumprimenta solenemente o asno que puxava uma carroça, e o poeta realiza sua crítica: foi tomado de fúria pela pessoa daquele imbecil, que parecia representar todo o espírito da França.

A imagem retirada da prosa "*Um Brincalhão*" é que morar na cidade é ser um homem sozinho em meio à multidão. Menezes (2006) adiciona ao presente texto outra discussão para o contexto das multidões, ele afirma que:

> "A multidão está presente em toda a obra baudelairiana, embora não se faça nenhuma menção a ela. Ela deixa pegadas em toda criação do poeta. (...) Assim, na descrição do cenário, o externo se interioriza na obra. A estética acurada desse poeta francês dá conta dos temas que a métrica de um poeta mediano mataria" (MENEZES, 2006, p. 10).

A multidão em Baudelaire espera ser analisada e descrita, mas não espera parada. Ela tromba no poeta e o abandona, como em "*A uma passante*", poema de As Flores do Mal (2006). A prosa poética *"O quarto duplo"* apresenta algumas afirmações: primeiro, lembramos o leitor que Baudelaire gastou sua herança em sua vida desregrada e passou a viver de uma herança contada e suas dívidas nunca o abandonaram. Para Berman (1986, p. 138), Baudelaire afirma que a vida moderna possui sua beleza única que é inseparável de "sua miséria intrínsecas, é inseparável das contas que o homem moderno tem de pagar", sendo artista não pode se esquivar das contas, mesmo sendo um gênio.

Na prosa do quarto duplo, o lirismo do autor se encontra com dois tempos, um criado pela poesia e sua beleza, pela musa, pela ausência do tempo e o outro tempo que é representado pelo sindico do prédio, o tempo, o drama econômico, as dívidas. "Sim o tempo reina" e continua o empurra: "Vai, anda burrico! Vai, sua, escravo! Vai, vive, maldito!" (BAUDELAIRE, 2006, p. 27).

Neste momento, visualizamos Baudelaire enquanto um intelectual que busca acertar a vida do artista moderno enquanto algo separado das necessidades materiais – como ele gostaria, enquanto agente social. Primeiro, ele aponta uma diferença entre progresso espiritual e material, ele desvincula a história do progresso, da arte e das tecnologias do artista, sendo

este um "ser por si só". Esta discussão esbarra em sua noção de verdade e beleza trazida pela fotografia: a verdade fotográfica fugiria da beleza requerida pelas artes.[5]

Em "*Conselhos aos jovens literatos*", o autor (Baudelaire, 2006, p. 33) afirma que o gênio geralmente é dotado de pouca organização e neste ímpeto, o jovem escritor deve evitar possuir credores, como ele mesmo possuía.

Neste ponto, a crítica literária do poeta não chega à sua realidade social. A análise de uma sociologia da literatura não deve se esquecer deste ponto, mas deve tê-lo como ponto de partida. Sendo a análise sociológica da literatura uma teoria que se afasta do gênio criador movido por causas inexplicáveis, o autor está inserido em suas relações sociais e as representam em suas obras (MARTINS, 2004, p. 64).

Apesar de sua origem abastarda, Baudelaire possuía grande simpatia por autores que se preocupavam com as pessoas comuns e suas ocupações, diferente da grande aristocracia literária francesa que se preocupava com os grandes salões. Citando por exemplo Honoré de

---

[5] Aqui citamos uma relação entre Baudelaire e Balzac que considero importante para a nossa percepção de modernidade e as contradições destes dois importantes escritores franceses do século 19. Balzac (biografia, de François Taillander, L&PM, 2006) possuía uma grande dificuldade para com a nova imprensa francesa, a dos folhetins e jornais, vendo romance impresso como a única forma de arte que poderia retratar as vidas e experiências de forma coerente e expressa. O romance "*Ilusões Perdidas"* (tradução Leila de Aguiar Costa, São Paulo, Abril, 2010), retrata – além de suas tramas internas que retratam também a ida do herói para a cidade e retrata suas experiências – esta disposição do autor em relação à imprensa moderna. É preciso dizer que posteriormente, Balzac se 'modernizou' ao aderir aos jornais e folhetins, publicando algumas obras suas neste formato de divulgação.

Baudelaire se posiciona contra a fotografia. Segundo Berman (1986, p 136-137), Baudelaire credita à sociedade moderna uma realidade repugnante. A fotografia se relacionaria com a sociedade enquanto um retrato desta verdade. A poesia não se relacionaria com esta modernidade, pois busca a beleza dos sonhos, não a verdade da realidade das fotografias. Ao se posicionar a favor do sonho e contra a realidade, Baudelaire define uma forma de "modernismo estético", afirmando que o homem moderno exalta as obras e diminui os homens. Esta linha gerou o romance modernista do brasileiro Oswald de Andrade. A modernidade e suas relações não foram bem aceitas por estes dois grandes gênios da literatura. Ao ponto que Baudelaire afirma que a relação com o passado (em "O pintor da vida moderna", 1996) deve ser negada pelos novos poetas, ele não abandona as formas antigas de expressão artística e desdenha as novas. Contraditório como sempre – desde suas relações sociais- Baudelaire está nesta forca e assim como Balzac, o seu herói de "Ilusões Perdidas" é moderno e urbano, mas até quando as escolhas do romancista de Tours são também. O tema requer pode ser estendido em um trabalho posterior.

Balzac[6], que é "o único artista na galeria baudelairiana de heróis modernos" (BERMAN, 1986, 140), pois se aproxima das pessoas comuns.

Esta aproximação com 'os comuns' deixa o poeta longe dos bailes aristocráticos e o aproxima das multidões. Para ele o artista moderno deveria sentar no meio da praça e observar a multidão em seu fluxo infinito. Para entender melhor esta aproximação, irei apresentar a interpretação de dois poemas em prosa de Baudelaire contidos em "*O esplim de Paris*".

Nesta coletânea de prosas poéticas, Baudelaire coloca a cidade em seu papel principal. Uma cidade que sob a tutela de Napoleão III e Haussmann, estava sendo remodelada (BERMAN, 1986, p. 143; BARONIER, 2010, p.13), ao passo que andava pela cidade luz, ela se transformava, se movia e se mostrava para o poeta. No Esplim, Baudelaire apresenta o que lhe foi mostrada por esta paris em estado de "modernização".

A prosa poética "*Os olhos dos pobres*" (BAUDELAIRE, 2010, p. 74-75) é passível de duas interpretações que se complementam no final. No texto, um casal apaixonado passeia por um bulevar novo e se retira em um café para conversarem e se alimentarem. Neste local, uma família de pobres composto por um velho e seus três filhos começam a observar o casal. Os pobres estão maravilhados com o que vêm – como isso é belo! -, enquanto a jovem apaixonada pede ao namorado que chame o dono do café e que este se livre dos pobres. O jovem poeta conclui que mesmo entre os apaixonados é tão difícil o entendimento.

Baudelaire assume uma posição contra o discurso da burguesia e a favor da massa dos pobres que surge a partir da movimentação da cidade. É um discurso que vai contra a sua origem social, é uma ação do poeta enquanto ator social, enquanto cidadão. Mesmo por amor (pelo eu lírico, pelo romantismo) o poeta não cede aos caprichos de sua mulher, ele encara o olhar dos pobres e reflete sobre isso.

[6] Uma parte das obras de Balzac se aproxima das pessoas comuns, já outras como "*A Duquesa de Langeais*", os romances de "*O Mistério dos Treze*", "*Estudos de Mulher*" não. Balzac tinha como objetivo a reconstrução da Paris de sua época, não excluindo nenhuma classe ou ambiente.

A paixão dos pobres pelos cafés dos Bulevares representa a conformidade desta massa retirada do caminho do progresso (que para Baudelaire sempre foi prejudicial aos pobres) em prol da beleza. A ironia sempre presente, pois a visão destes pobres destelhados não tem nenhuma conotação hostil, eles admiram e se resignam perante as diferenças de classe.

Esta prosa poética fala de amor e de luta de classes, mas vai além. Marshall Berman (1986, p. 145) apresenta outra perspectiva do texto. Para este autor, é o bulevar que faz toda diferença. Os bulevares são um novo sistema – e porque não dizer moderno – de circulação urbana construídos por Napoleão III e seus administradores.

Estes bulevares eram novas formas de circulação pela cidade, em linha reta e de um extremo para o outro. No traçado, a construção dos bulevares destruiu[7] bairros pobres, que abriram novos espaços livres de circulação e encontro. Os bulevares criaram novas bases de encontro de um grande numero de pessoas, repleto de obras de artes e cafés de luxo. Baudelaire apresenta ao leitor os efeitos mais notáveis destas construções.

O primeiro efeito é que a abertura destas estradas revelou uma grande massa de pobres, ao lado dos burgueses passeando ricamente pelas ruas, se encontravam os detritos de casas humildes e seus moradores sem casa.

Podemos afirmar que esta visão apresenta uma das maiores contradições da modernidade e suas cidades: o rico, o pobre e o grande abismo que os separam. Nas palavras de Berman, a prosa poética apresenta "as transformações físicas e sociais que haviam tirado dos pobres do alcance de visão, agora os trazem de volta diretamente à vista de qualquer um" (Berman, 1986, p. 148).

A presença dos pobres lança um olhar de realidade sobre uma perspectiva outrora romântica, é um ataque contra a arte aristocrática. O olhar diferenciado dos amantes não representa apenas um desconforto, mas uma "radical posição ideológica e política", neste ponto, as interpretações se comunicam diretamente. Ao desvelar as doenças da cidade

[7] A casa natal de Baudelaire foi destruída para a construção de um bulevar em meados do século 19. O bulevar se chama atualmente de "Saint Germain".

Revista Eletrônica Igarapé- Nº 03, Maio de 2014- ISSN 2238-7587
http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape

moderna, o poeta afirma que apenas uma transformação das cidades e suas estruturas podem diminuir este enorme abismo entre ricos e pobres.

A perda da aureola[8] também é analisada por Berman. É uma ode a estas mudanças sociais que os bulevares – e suas largas estradas- destacam na vida parisiense. Neste texto, ao atravessar uma das grandes ruas, o poeta perde sua aureola, perde sua santidade e se encontra com outra personagem em um lugar de má reputação. Lá o poeta percebe que ali é que deve estar sua pessoa e sua inspiração. A arte deixa de ser sagrada para se voltar para o povo, o grande projeto do artista moderno, segundo Baudelaire.

Ao mesmo tempo em que se aproxima do povo, ela se afasta dos ideais elevados da burguesia e se torna do povo, baixa, profana, dessacralizada. A partir da imagem desta prosa, Baudelaire afirma que a arte pode se desenvolver no povo, talvez seja 'melhor ainda' naqueles lugares baixos, na loucura do bulevar, como afirma Berman: "Baudelaire deseja obras de arte que brotem do meio do tráfego, de sua energia anárquica, do incessante perigo e terror de estar ai" (BERMAN, 1986, p. 155).

O poeta perde seu halo no mesmo lugar do olhar dos pobres, no bulevar e é no trafico desta nova força moderna (BERMAN, 1986, p. 153) que o poeta expande suas percepções de vida e arte, o tráfego pesado lugar do pedestre que não luta apenas contra o transito, mas luta contra o aglomerado de massa, da fluidez que o derrete dentro das relações de trabalho.

Mas esta dessacralização da arte e da vida não tende somente a um lado negativo – ou para lado nenhum - ela leva também a liberdade. A partir do caos das estradas, o homem moderno pode ir para qualquer lugar e de forma rápida, desencadeia "novas formas de liberdade". Baudelaire foi o primeiro a aceitar esta posição dessacralizada do poeta enquanto bardo da sociedade, o poeta se tornou mercadoria e ao mesmo tempo ele se tornar o arauto da

[8] Marshall Berman apresenta a prosa poética como "A perda do Halo" que aquém das traduções, representa a mesma coisa para aquele que realiza a leitura do texto.

nova forma de cidade: Baudelaire se mistura aos pobres e as prostitutas para representar a massa abandonada e a arte que se vende para sobreviver neste novo mundo.

A diferença entre o século de Baudelaire para o nosso é que este criou "toda uma rede de novos "halos" para substituir aqueles que o século de Baudelaire e Marx se desfez" (BERMAN, 1986, p. 159). Por fim (por enquanto), podemos afirmar que o projeto de Baudelaire se encontra na procura pelo individuo que se desfez, tem como objetivo encontrar a si mesmo em meio a este caldo caótico. A industrialização, a moda, a televisão roubaram do homem a sua história. A multidão amorfa de passantes. A arte de contar ou narrar, em decorrência do desenvolvimento do capitalismo e da técnica, esfacelou-se.

A sensação da modernidade é a de solidão. A cidade é negra, ela veste negro. O amor e a cidade perdem sua grande aura. Baudelaire é o ultimo romântico e o primeiro moderno, a estrada da noite é o caminho para a perdição. Na metrópole, o amontoado de ruínas cresce até o céu, vazia, doente, líquida.

A Cidade Moderna e o Ensino de Sociologia: Aplicação.

Segundo as orientações curriculares, o ensino de sociologia no ensino médio parte de três pressupostos metodológicos principais: a) Conceitos - são elementos do discurso que fazem referencia à realidade completa, trabalhar com conceitos requer que os conheça muito bem e os conecte com as teorias e com casos da realidade, temas. Como cita o texto: "Um conceito é um elemento do discurso cientifico que consegue sintetizar as ações sociais para poder explicá-las como uma totalidade" (BRASIL, 2006, P. 118), assim, acostumando os alunos a uma linguagem científica com a qual se confrontarão na academia ou em trabalhos técnicos. b) Temas – que é variável o tema que possa ser trabalhados pelo professor, sendo que o professor deve evitar dar um enfoque preconceituoso aos temas.

Compreendemos que neste ponto que a literatura pode ilustrar certos temas conceitos e teorias, e que o autor das obras literárias representa uma perspectiva social em seus trabalhos. Os temas levados à sala de aula devem ser importantes no cotidiano dos educandos, mas devem ser articulados com teorias e conceitos. c) Teorias – contem conteúdos de autores

clássicos, como a dialética de Marx e a análise compreensiva de Weber. O uso das teorias compreende seu conhecimento no contexto de seu desenvolvimento, como se desenvolveu posteriormente e a trajetória de vida dos autores, o contexto histórico.

O ensino de sociologia possui relações simbióticas com todas as outras ciências (como a química e a física), mas segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, a relação com as artes é ainda mais forte. Como é afirma este documento curricular, parte da compreensão sociológica só foi possível graças ao uso de obras literárias, e que muitas obras literárias possuem certa visão sociológica. A arte deve ser explorada enquanto um fenômeno social a ser compreendido.

O uso da literatura nas escolas tem negligenciado um importante fator que para os cientistas sociais e estudantes desta área, e por conseqüência investigadora de uma teoria da 'sociologia da literatura', não podemos negligenciar: uma obra literária carrega diversos fatores que podem ser interpretados pela lógica sociológica. O artigo de Mary Neiva Surdi da Luz vai além ao afirmar que: "O ensino de literatura na escola tem negligenciado seu principal objetivo que é o de formação de leitores críticos." (2008, p.02). Segundo o mesmo artigo, a literatura tem servido para o ensino de uma "história literária" ou "regras lingüísticas" de um determinado povo ou nação.

Nesta formação básica, temos a história da literatura apresentada como literatura e a literatura de um povo usado como exemplo de como se escrever segundo a normativa gramatical: montamos quimeras diferentes e não falamos de literatura. Aqui cabe um parêntese: o ensino da literatura a partir de uma perspectiva sociológica apontaria fatos cujo simples estudo da história da literatura deixaria passar despercebido.

Ao passo que Baudelaire demonstrou sua preocupação em apresentar Paris e suas vicissitudes modernas, compreendemos que algumas prosas ou versos do autor podem ser selecionados pelo professor interessado nesta apresentação enquanto síntese dentro dos conceitos e temas cidade, modernidade, representação da vida moderna, confronto de classes e outros.

Usando como exemplo uma aula sobre comunidade e sociedade[9] (CHAUÍ & OLIVEIRA, 2010, p. 115) ministrada para o primeiro ano do ensino médio. Os autores falam sobre a diferença entre as comunidades – determinadas por laços mais estreitos – e as sociedades societárias surgidas com o processo de modernização. As sociedades societárias se fundamentariam na cidade, nas relações impessoais, acentuada divisão de trabalho, proliferação de papeis sociais e complexa estrutura social.

Afirma também que possui relações sociais transitórias, superficiais e impessoais, onde a vida perde a coesão que tinha nas comunidades. Nesta estrutura, família e religião perdem seu lugar, a tradição perde a força graças a esta perda de força e coesão, os conflitos são constantes. Estas sociedades possuem como características gerais o crescimento das cidades, declínio da importância da família, ampliação de burocracia, enfraquecimento das tradições e diminuição do papel da religião no cotidiano.

Baudelaire e suas obras representam esta nova forma de vida chamada sociedade societária em suas obras, apontando como exemplo "A Perda da Auréola", texto supracitado neste artigo. A sociedade não é, mas aquela mesma estrutura aparentemente mais intima, as pessoas passam mais rápido pelas vistas e vidas, esta parte da realidade pode ser demonstrada pela prosa do autor.

Outra aula, sobre grupos e agregados sociais afirmaria sobre as formas de agrupamento (CHAUÍ & OLIVEIRA, 2010, p. 126). Os grupos sociais são apresentados enquanto familial, vicinal, educativo, religioso, de lazer, profissional, político, etc. E possuem certas características comuns como pluralidade e interação social. Os agregados sociais é uma reunião de pessoas com fraco sentimento grupal, com o mínimo de relações e comunicação social.

Um dos tipos de agregados é a multidão, um elemento nascido na sociedade moderna. Têm como características a falta de organização, o anonimato (os componentes da multidão

[9] Aula ministrada em quatro turmas de primeiro ano do ensino médio no período de setembro de 2011.

são anônimos, os indivíduos não tem importância), objetivos em comum, indiferenciação (não há espaços para a diferença) e proximidade física. Outros agregados são o público e a massa.

É debruçado sobre esta multidão que Baudelaire escreve sua poesia e prosa poética. Da perda da aureola até 'A uma passante'. É sobre estas pequenas palavras que o professor pode elucidar para os alunos o que significa esta multidão para a modernidade. É no pensamento deste autor que o professor pode iluminar a aula com a poesia do poeta da cidade luz, cheia de trevas modernas.

Conclusão

Estudar a cidade constitui na tarefa de ler não apenas os aspectos físico-geográficos, mas os dados culturais (costumes), os tipos humanos, mas também se constitui em ler sua história e memória (MENEZES, 2006, p. 05). A intenção poética de Baudelaire de representar a cidade o fundamenta enquanto um autor que pode ser utilizado como recurso para o ensino de sociologia quando este ensino focar a cidade, a modernidade e a "cultura" da modernidade.

Talvez, em pleno Brasil, em plena Amazônia, a escolha de outros autores como Inglês de Sousa[10] ou Machado de Assis diga muito mais sobre nossa "realidade" do que um francês. Mas Baudelaire, diferente dos autores aqui citados, possui a precisão de ser uma primeira análise deste sentindo de compreensão da cidade e da modernidade. Não se pode, obviamente, descartar o uso de outros autores, brasileiros ou não, para o ensino de sociologia.

O que se afirma neste artigo é uma forma apenas. E acreditamos que a palavra sociedade moderna e suas contradições pode ser associada a Baudelaire em sala de aula. A poesia chama atenção de uma camada dos alunos, mais do que a simples exposição, assim como as outras formas de exposição didática. Apresentar o "primeiro moderno" aos nossos modernos discentes é uma forma de se lidar, mais uma dentro do rol de possibilidades.

Referências Bibliográficas

[10] Escritor Real-Naturalista Amazônico.

BAUDELAIRE, Charles. **A Fanfarlo**. Tradução Antônio Gonçalves. São Paulo: Editora Colares, 1994.

_____. **As Flores do Mal**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

_____. **O Esplim de Paris: Pequenos Poemas em Prosa**. Tradução Oleg Almeida. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010.

_____. **O Pintor da Vida Moderna**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

BARONIAN, Jean Baptiste. **Baudelaire**. Tradução de Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Sobre alguns temas em Baudelaire**. Tradução José Carlos M. Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 103-149.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade. III – Baudelaire: O Modernismo nas Ruas.** Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1986.

CHAUÍ, Marilena & OLIVEIRA, Pérsio Santos. **Filosofia e Sociologia**. São Paulo: Série Novo Ensino Médio, Editora Ática, 2010.

LUZ, Mary Neiva Surdi da. **A Literatura na Sala de Aula.** Revista Primeira Versão, Ano VI, nº 226, Fevereiro, Porto Velho, 2008 p. 1-10.

MARTINS, Maurício Vieira. **Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 19, nº 56, Outubro/2004.

MEDEIROS, Joselaine Brondani. **Baudelaire: Fragmentação e Melancolia em meio à multidão.** Revista Instrumento: Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, jan./jun. 2009

MENEZES, Marco Antônio de. **Baudelaire: o poeta da cidade moderna**. I Seminário de Arte e Cidade, Salvador, UFBA, 2006.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio.** Revista Espaço Acadêmico – Ano 01, nº 5 – Outubro/2001.

Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias / **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais -** Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 03).